

ESPAÇO ABERTO  
SARAH BACAL

# O incipiente turismo na Amazônia

No livro *Árvore que Chora*, a autora Vicki Baum narra a história da borracha e lamenta que o homem varou a selva em vez de cultivar a terra. E foi assim que a indústria da borracha acabou reduzida a um espectro, pois simplesmente se explorou o produto nativo. Estamos nos referindo a esse fato para fazer uma analogia com o "ciclo" do turismo. Isso porque a Amazônia nunca chegou a se estabilizar nesse sentido. Seu cantado turismo só existe como idéia. É preciso ação.

Quando o Brasil estava fechado às importações e com uma indústria de produtos eletrônicos incipiente, muito aquém da demanda das regiões centrais, o turismo de compras em Manaus foi extremamente vantajoso, atingindo seu auge nos anos 70 e 80.

Estando na região, o turista era levado a contemplar o rio-mar: o enorme Amazonas, com seus jacarés, igarapés e igarapós. Ainda na rabeira de sua estada, ia ao teatro. Mas como sua motivação maior eram as compras, essa demanda dispensava uma estrutura turística de lazer e de hotelaria abundante e de qualidade. Nesse período, uma mão-de-obra não-qualificada aportou, vinda dos Estados vizinhos e do Nordeste. Havia oferta de trabalho em abundância.

Hoje, o panorama é outro. De maneira análoga com o fim do ciclo da borracha, o turismo feneceu e sobrou um grande contingente de pessoas desempregadas. Os tesouros desse notável es-

paço turístico estão encobertos. Não basta "varar a terra". É preciso agir!

O primeiro passo está sendo dado. Existe um plano de desenvolvimento do turismo para Manaus. Mas perguntas ficam no ar: como aproveitar as vantagens que a natureza nos deu e fez Manaus possuir o maior diferencial turístico do mundo? Para possibilitar um novo ciclo de riqueza, por onde devemos começar? O turismo pode realmente quebrar o ciclo de pobreza e trazer empregos para a classe menos favorecida? Não basta fazer alarde, é preciso dar soluções, traçando diretrizes para formar uma mão-de-

obra qualificada para a prestação dos serviços turísticos.

Ao mesmo tempo, é preciso fazer um planejamento para o aumento do sistema hoteleiro. Hotéis de luxo, visando à demanda internacional, são

necessários. Com um bom marketing do produto "Amazonas-Manaus", de características únicas no mundo, pode-se conseguir uma demanda significativa, já que a distância da Europa e dos Estados Unidos para o Brasil concorre com o Caribe e o Norte da África.

Para oferecer serviços de qualidade dependemos da formação de uma mão-de-obra capaz de realizar suas tarefas a contento. Treinar por meio do método de aprendizagem "vendo fazer e depois fazendo" permite preparar rapidamente pessoas que carecem de formação escolar, porém que podem adquirir habilidades



para exercer funções necessárias ao funcionamento dos serviços. Se os órgãos governamentais não dispõem de recursos para organizar esses cursos, uma alternativa são as parcerias com Senac e Sebrae.

Quanto mais diferenciadas as funções, mais requerida é a formação escolar. Nota-se que o número de pessoas necessárias para a área de planejamento, de gerenciamento hoteleiro e de marketing supera o destinado às funções com tarefas mais simples.

Uma boa saída são os convênios entre iniciativa privada e fa-

culdades estaduais e federais, que poderiam oferecer cursos de especialização e pós-graduação em turismo e hotelaria.

É preciso usar os recursos financeiros de maneira racional, a fim de aumentar os benefícios na área social e diminuir custos. Um planejamento adequado deve ter uma legislação municipal para preservação da natureza e uma ocupação racional do solo. Por mais que esteja na moda o turismo ecológico, ele deve ser visto com cautela, pois a instalação de alojamentos na selva – sem uma infra-estrutura básica adequada

– pode trazer danos irreversíveis à natureza. O turista pode e deve visitar os tesouros, mas a estrutura de lazer, os hotéis e o artesanato nativo devem ser alocados na cidade. Deixemos a selva para a fauna e a flora nativas.

A preocupação maior é aumentar a estada do turista no núcleo, e Manaus tem atrativos de sobra para obter isso. O teatro do Amazonas não é somente um "bonito" teatro. É história, tem arquitetura representativa do período áureo do ciclo da borracha, enfim, é um monumento que envolve o mundo artístico da época. Poderia ser aproveitado para ser palco de espetáculos de folclore amazonense, como é o Palácio das Artes na Cidade do México.

Quanto aos recursos naturais, a selva amazônica e sua biodiversidade constituem diferenciais raramente encontrados. O encontro das águas é um espetáculo que poderá ser explorado no marketing turístico como um dos curiosos fenômenos da natureza. A pororoca pode virar roteiro para turistas. E há muito mais.

Os primeiros passos já foram dados, mas ainda é preciso descobrir fórmulas para aumentar o tempo de permanência dos turistas. Uma saída, talvez, seja uma hotelaria – na linha dos resorts – voltada ao turista nacional. Isto pode ser traduzido em eficiência na prestação de serviços, conforto sem luxo e preços adequados à demanda. Temos de descobrir nossos tesouros eficazmente. É preciso agir...

■ Sarah Bacal é professora titular de turismo e lazer da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP)